

Governistas rebeldes são o alvo

GUSTAVO KRIEGER E
HELAYNE BOAVENTURA
DA EQUIPE DO CORREIO

Atropa de choque do presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL), está às voltas com uma complicada operação. Precisa afastar do Conselho de Ética dois parlamentares do bloco governista que não se alinham ao projeto de arquivar rapidamente as acusações contra Renan. Os dissidentes são Renato Casagrande (PSB-ES) e Eduardo Suplicy (PT-SP). O problema é que os integrantes do conselho têm mandato de dois anos e não podem ser substituídos por decisão dos líderes partidários. A única saída é convencê-los a renunciar e ao menos por enquanto os dois não demonstram intenção de sair.

A matemática explica a manobra. O caso Renan transformou-se em uma disputa entre governo e

oposição no conselho. A oposição tem sete votos. O bloco governista teria nove. Se perder o apoio de Casagrande e Suplicy, a frágil maioria a favor da absolvição pode se esfalar. Para piorar a situação, as manobras dos últimos dias aumentaram a distância política entre os dois senadores e o grupo de Renan.

A situação mais complicada é a de Casagrande. O senador foi submetido a um constrangimento público. Na noite de quarta-feira, pouco antes de ser eleito presidente do Conselho de Ética, o peemedebista Leomar Quintanilha (TO) anunciou publicamente a escolha do senador capixaba para relatar o caso Renan. Depois de eleito, retirou o convite. Antes de anunciar o recuo, passou um dia inteiro sem atender os telefonemas de Casagrande. O episódio tornou praticamente nula a chance de ele apoiar a absolvição do presidente do Senado.

Sobrou o que o grupo de Renan

chama de "Operação Sibá". Ou seja, criar tantos problemas políticos que os dois senadores ganhem discurso para renunciar ao conselho, a exemplo do que fez o senador Sibá Machado (PT-AC), que deixou a presidência do colegiado. Com isso, eles poderiam deixar o conselho sem que isso fosse cobrado por seus eleitores.

Telefonemas

Casagrande vem sendo pressionado por dois importantes aliados, os governadores Paulo Hartung (ES) e Eduardo Campos (PE). O apoio dos dois governadores é vital para seu projeto de disputar o governo do Espírito Santo em 2010. Com altos índices de aprovação, Hartung é o mais poderoso cabo eleitoral do estado. Eduardo Campos é o presidente nacional do PSB, partido de Casagrande. Até poucos dias, eles telefonavam com frequência para o gabinete do senador tentando convencê-lo a

apoiar Renan. Depois, passaram a sugerir que o senador do Espírito Santo se afastasse.

Suplicy é um caso diferente. O senador parece imune a qualquer tipo de indireta ou mensagem passada pela mídia. Na quarta-feira, o Palácio do Planalto vazou a informação que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva teria repreendido a líder do PT, Ideli Salvatti (SC), por tê-lo nomeado para o conselho. Suplicy cobrou a informação de Ideli durante uma sessão do conselho, transmitida ao vivo pela televisão. Ela, claro, teve de negar a intervenção do palácio. No dia seguinte, Suplicy fez a mesma pergunta ao senador Tião Viana (PT-AC) e recebeu a mesma resposta politicamente correta. Deu-se por satisfeito e ficou no cargo. É difícil saber se esse mundo próprio no qual Suplicy se isola é resultado de ingenuidade ou uma estratégia. Mas funciona como um escudo contra as pressões.

Cadu Gomes/CB - 27/6/07



RENAN OBTEVE APOIO DO PALÁCIO DO PLANALTO E DE GOVERNADORES ALIADOS